

REDAÇÃO

Texto I
Sobre as memórias (fragmento)
Rubem Alves

Memória é onde se guardam as coisas do passado.

Há dois tipos de memória: memórias sem vida própria e memórias com vida própria.

As memórias sem vida própria são inertes. Não têm vontade. ¹Sua existência é semelhante à das ferramentas guardadas numa caixa. Não se mexem. Ficam imóveis nos seus lugares, à espera. À espera de quê? ²À espera de que as chamemos. ³Ao chegar a um hotel, a recepcionista nos entrega uma ficha para ser preenchida. ⁴Lá estão os espaços em branco onde deverei escrever meu nome, endereço, número da carteira de identidade, do CPF, número do telefone, *e-mail*. Abro a minha caixa de memórias sem vida própria e encontro as informações pedidas. Se desejo ir do meu apartamento à casa de um amigo, eu pergunto: que ruas tomar para chegar lá? Abro a caixa de ferramentas e lá encontro um mapa do itinerário que devo seguir. É da caixa das memórias sem vida própria que se valem os alunos para responder às questões propostas pelo professor numa prova. Se a memória não estiver lá, ele receberá uma nota má...

São essas as memórias que os neurologistas testam para ver se uma pessoa está sofrendo do ⁵mal de Alzheimer. O médico, como quem não quer nada, vai discretamente fazendo perguntas sobre a cidade onde nasceu, o nome dos pais, onde moram os filhos. Se a pessoa não souber responder é porque sua caixa de memórias está vazia. Essas memórias são muito importantes. Sem elas não poderíamos nos virar na vida. Estaríamos sempre perdidos.

⁶As memórias com vida própria, ao contrário, não ficam quietas dentro de uma caixa. ⁷São como pássaros em voo. Vão para onde querem. E podemos chamá-las que elas não vêm. Só vêm quando querem. Moram em nós, mas não nos pertencem. O seu aparecimento é sempre uma surpresa. É que nem suspeitávamos que estivessem vivas! A gente vai calmamente andando pela rua e, de repente, um cheiro de pão. E nos lembramos da ⁸mãe assando pães na cozinha.

(...)

Uma leitora enviou-me um e-mail em inglês. Desculpou-se. É egípcia. Vive no Brasil, entende bem o português, mas tem dificuldades em se expressar. Disse-me que gostava das coisas que escrevo. Escreveu-me para dizer que uma palavra, uma única palavra que eu havia escrito a apunhalara. Numa crônica que eu escrevera para minhas netas, contando como era a vida na roça, disse que não havia eletricidade. Portanto não havia geladeiras. As comidas eram guardadas num armário de tela chamado "guarda-comida". Essa foi a palavra que a apunhalou. Como é que uma palavra tão banal pode apunhalar? Não foi a palavra. Foi a lembrança. Ela já havia se esquecido de que essa palavra existia. Aí, quando ela a leu, um passado longínquo retornou. Ela se viu menina na cozinha de sua casa no Cairo. Lá havia um guarda-comida...

(...)

(<http://tiatiz.wordpress.com/2009/11/06/sobre-as-memorias-rubem-alves/> Acesso em 04/01/2013.)

Vocabulário:

⁵Mal de Alzheimer: A doença de *Alzheimer* provoca deterioração das funções cerebrais, como perda de memória, da linguagem, da razão e da habilidade de cuidar de si próprio.

Texto II
Antiguidades (fragmento)

Quando eu era menina
bem pequena,
em nossa casa,
certos dias da semana
se fazia um bolo,
assado na panela com um ¹testo de ²borralho em cima.

Era um bolo econômico,
como tudo, antigamente.
Pesado, grosso, pastoso.
(Por sinal que muito ruim.)

Eu era menina em crescimento.
Gulosa,
abria os olhos para aquele bolo
que me parecia tão bom
e tão gostoso.

A gente mandona lá de casa
cortava aquele bolo
com importância.

Com atenção.
Seriamente.
Com vontade de comer o bolo todo.
Era só olhos e boca e desejo
daquele bolo inteiro.

Minha irmã mais velha
governava. ³Regrava.
Me dava uma fatia,
tão fina, tão delgada...
E fatias iguais às outras ⁴manas.
E que ninguém pedisse mais!
E o bolo inteiro,
quase intangível,
se guardava bem guardado,
com cuidado,
num armário, alto, fechado,
impossível.

(Cora Coralina. *Melhores poemas*. 2 ed. São Paulo: Global Ed., 2004.)

Vocabulário:

¹**testo**: camada;

²**borralho**: brasido coberto de cinzas; cinzas quentes, rescaldo;

³**regrear**: traçar linhas ou regras sobre;

⁴**mana**: irmã;

Texto III



(Bill Watterson, *Tem alguma coisa babando embaixo da cama*. SP: Conrad Editora do Brasil, 2008.)

A partir da leitura atenta dos três textos que fazem parte desta prova, escreva um **texto dissertativo argumentativo** em que fique clara a sua opinião a respeito do seguinte questionamento:

As recordações que temos da infância, em sua maioria, permanecem inalteradas ou, com o passar do tempo, é comum modificar a avaliação que se fazia naquela fase da vida?

Seu texto deverá:

- conter obrigatoriamente argumentos que sustentem suas opiniões;
- ter um título;
- ter entre 20 a 30 linhas;
- ter, pelo menos, 3 parágrafos.

MATEMÁTICA

1. (Enem PPL) Parece que foi ontem. Há 4,57 bilhões de anos, uma gigantesca nuvem de partículas entrou em colapso e formou o nosso Sistema Solar. Demoraram míseros 28 milhões de anos — um piscar de olhos em termos geológicos — para que a Terra surgisse. Isso aconteceu há 4,54 bilhões de anos. No começo, a superfície do planeta era mole e muito quente, da ordem de 1200 °C. Não demorou tanto assim para a crosta ficar mais fria e surgirem os mares e a terra; isso aconteceu há 4,2 bilhões de anos.

História da Terra. *Superinteressante*, nov. 2011 (adaptado).

O nosso Sistema Solar se formou, em anos, há

- a) 4.570.
- b) 4.570.000.
- c) 4.570.000.000.
- d) 4.570.000.000.000.
- e) 4.570.000.000.000.000.

2. (Uespi) Qual o expoente da maior potência de 3 que divide 270^{30} ?

- a) 70
- b) 80
- c) 90
- d) 100
- e) 110

3. (Ufrgs) Sendo a , b e c números reais, considere as seguintes afirmações.

I. Se $a \neq 0$, $b \neq 0$ e $a < b$, então $\frac{1}{a} < \frac{1}{b}$.

II. Se $c \neq 0$, então $\frac{a+b}{c} = \frac{a}{c} + \frac{b}{c}$.

III. Se $b \neq 0$ e $c \neq 0$, então $(a \div b) \div c = a \div (b \div c)$.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

4. (Ueg) Em uma pesquisa sobre a preferência para o consumo de dois produtos, foram entrevistadas 970 pessoas. Dessas, 525 afirmaram consumir o produto A, 250 o produto B e 319 não consomem nenhum desses produtos. O número de pessoas que consomem os dois produtos é

- a) 124
- b) 250
- c) 525
- d) 527
- e) 775

5. (Fuvest) Dentre os candidatos que fizeram provas de matemática, português e inglês num concurso, 20 obtiveram nota mínima para aprovação nas três disciplinas. Além disso, sabe-se que:

- I. 14 não obtiveram nota mínima em matemática;
- II. 16 não obtiveram nota mínima em português;
- III. 12 não obtiveram nota mínima em inglês;
- IV. 5 não obtiveram nota mínima em matemática e em português;
- V. 3 não obtiveram nota mínima em matemática e em inglês;
- VI. 7 não obtiveram nota mínima em português e em inglês e
- VII. 2 não obtiveram nota mínima em português, matemática e inglês.

A quantidade de candidatos que participaram do concurso foi

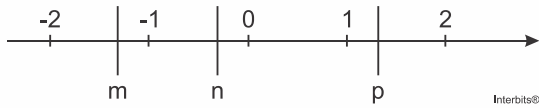
- a) 44.
- b) 46.
- c) 47.
- d) 48.

e) 49.

6. (G1 - cftmg) Sejam os conjuntos $A = \{x \in \mathbb{R} \mid 0 < x \leq 5\}$, $B = \{x \in \mathbb{R} \mid x \geq -5\}$ e $C = \{x \in \mathbb{R} \mid x \leq 0\}$. Pode-se afirmar que

- a) $(A - B) \cup C = C$
- b) $(A - C) \cap B = \emptyset$
- c) $(B \cup C) \cap A = \emptyset$
- d) $(B \cap C) \cap A = A$

7. (Epcar (Afa)) Na reta dos números reais abaixo, estão representados os números m , n e p .



Analise as proposições a seguir e classifique-as em V (VERDADEIRA) ou F (FALSA).

- () $\sqrt{\frac{m-n}{p}}$ não é um número real.
- () $(p + m)$ pode ser um número inteiro.
- () $\frac{p}{n}$ é, necessariamente, um número racional.

A sequência correta é

- a) V - V - F
- b) F - V - V
- c) F - F - F
- d) V - F - V

8. (G1 - ifpe) Chamamos uma fração de unitária se o numerador for igual a um e o denominador for um inteiro positivo, por exemplo: $\frac{1}{3}$, $\frac{1}{7}$, $\frac{1}{2}$. Os antigos egípcios costumavam trabalhar com frações que poderiam ser obtidas como soma de frações unitárias diferentes, por exemplo:

$$\frac{5}{8} = \frac{1}{2} + \frac{1}{8}.$$

Por esse motivo, esse tipo de fração, que pode ser obtido por soma de frações unitárias distintas, é conhecido por "frações egípcias". O uso das frações egípcias facilitava as contas e comparações, especialmente num mundo onde não havia calculadoras.

Encontre uma fração, F , equivalente à soma

$$F = \frac{1}{3} + \frac{1}{4} + \frac{1}{6} + \frac{1}{7}.$$

- a) $77/84$.
- b) $51/56$.
- c) $25/28$.
- d) $73/84$.
- e) $49/56$.

9. (Ufrgs) Sendo a e b números reais quaisquer, considere as seguintes afirmações.

- I. $(a - b)^2 \geq 0$.
- II. Se $a > b$ então $a^3 > b^3$.
- III. Se $a > b > 1$ então $\frac{1}{a} > \frac{1}{b} > 1$.

Quais afirmações estão corretas?

- a) Apenas I.

- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

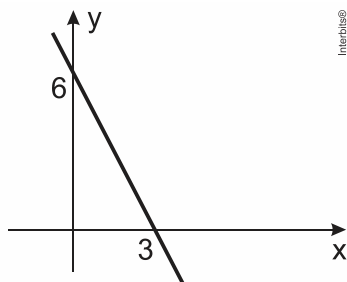
10. (G1 - ifal) Marque a alternativa **INCORRETA**.

- a) Todo número NATURAL é também INTEIRO.
- b) Todo número NATURAL é também RACIONAL.
- c) Todo número NATURAL é também IRRACIONAL.
- d) Todo número NATURAL é também REAL.
- e) Todo número IRRACIONAL é também REAL.

11. (G1 - ifce) Rafael chamou um Uber para ir ao cinema com sua namorada, mas a atendente informou que o valor final a ser pago é compreendido por uma parcela fixa de R\$ 3,00, mais R\$ 1,50 cobrado por quilômetro rodado. Sabendo que Rafael pagou R\$ 48,00, a distância da casa de Rafael para o cinema, em km, é

- a) 40.
- b) 50.
- c) 30.
- d) 60.
- e) 70.

12. (Ear) A função que corresponde ao gráfico a seguir é $f(x) = ax + b$, em que o valor de a é



- a) 3
- b) 2
- c) -2
- d) -1

13. (Pucrj) Considere a função real da forma $f(x) = ax + b$.

Sabendo que $f(1) = -1$ e $f(0) = 2$, qual é o valor do produto $a \cdot b$?

- a) 1
- b) 6
- c) -3
- d) -4
- e) -6

14. (Enem (Libras)) Um reservatório de água com capacidade para 20 mil litros encontra-se com 5 mil litros de água num instante inicial (t) igual a zero, em que são abertas duas torneiras. A primeira delas é a única maneira pela qual a água entra no reservatório, e ela despeja 10 L de água por minuto; a segunda é a única maneira de a água sair do reservatório. A razão entre a quantidade de água que entra e a que sai, nessa ordem, é igual a $\frac{5}{4}$. Considere que $Q(t)$ seja a expressão que indica o volume de água, em litro, contido no reservatório no instante t , dado em minuto, com t variando de 0 a 7.500.

A expressão algébrica para $Q(t)$ é

- a) $5.000 + 2t$
- b) $5.000 - 8t$
- c) $5.000 - 2t$
- d) $5.000 + 10t$
- e) $5.000 - 2,5t$

15. (Ueg) O celular de Fabiano está com 50% de carga na bateria. Quando está completamente carregado, ele demora exatamente 20 horas para descarregar toda bateria em modo *stand by*, supondo-se que essa bateria se descarregue de forma linear. Ao utilizar o aparelho para brincar com um aplicativo a bateria passará a consumir 1% da carga a cada 3 minutos. Quantos minutos Fabiano poderá brincar antes que a bateria se descarregue completamente?

- a) Três horas
- b) Duas horas e meia
- c) Duas horas
- d) Uma hora e meia

16. (Ufsm) Uma pesquisa do Ministério da Saúde revelou um aumento significativo no número de obesos no Brasil. Esse aumento está relacionado principalmente com o sedentarismo e a mudança de hábitos alimentares dos brasileiros. A pesquisa divulgada em 2013 aponta que 17% da população está obesa. Esse número era de 11% em 2006, quando os dados começaram a ser coletados pelo Ministério da Saúde.

Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/saude/2013/08/obesidade-atinge-mais-da-metade-dapopulacao-brasileira-aponta-estudo>. Acesso em: 10 set. 2014.

Suponha que o percentual de obesos no Brasil pode ser expresso por uma função afim do tempo t em anos, com $t = 0$ correspondente a 2006, $t = 1$ correspondente a 2007 e assim por diante.

A expressão que relaciona o percentual de obesos Y e o tempo t , no período de 2006 a 2013, é

- a) $Y = \frac{4}{3}t - \frac{44}{3}t$.
- b) $Y = \frac{7}{6}t - \frac{77}{6}$.
- c) $Y = t + 11$.
- d) $Y = \frac{6}{7}t + 11$.
- e) $Y = \frac{3}{4}t + 11$.

17. (Espm) A função $f(x) = ax + b$ é estritamente decrescente. Sabe-se que $f(a) = 2b$ e $f(b) = 2a$. O valor de $f(3)$ é:

- a) 2
- b) 4
- c) -2
- d) 0
- e) -1

18. (G1 - cftmg) Um experimento da área de Agronomia mostra que a temperatura mínima da superfície do solo $t(x)$, em °C, é determinada em função do resíduo x de planta e biomassa na superfície, em g/m², conforme registrado na tabela seguinte.

$x(\text{g/m}^2)$	10	20	30	40	50	60	70
$t(x)$ (°C)	7,24	7,30	7,36	7,42	7,48	7,54	7,60

Analisando os dados acima, é correto concluir que eles satisfazem a função

- a) $y = 0,006x + 7,18$.
- b) $y = 0,06x + 7,18$.
- c) $y = 10x + 0,06$.
- d) $y = 10x + 7,14$.

19. (Upe) Um dos reservatórios d'água de um condomínio empresarial apresentou um vazamento a uma taxa constante, às 12 h do dia 1º de outubro. Às 12 h dos dias 11 e 19 do mesmo mês, os volumes d'água no reservatório eram, respectivamente, 315 mil litros e 279 mil litros. Dentre as alternativas seguintes, qual delas indica o dia em que o reservatório esvaziou totalmente?

- a) 16 de dezembro
- b) 17 de dezembro
- c) 18 de dezembro
- d) 19 de dezembro
- e) 20 de dezembro

20. (G1 - cftmg) Os preços dos ingressos de um teatro nos setores 1, 2 e 3 seguem uma função polinomial do primeiro grau crescente com a numeração dos setores. Se o preço do ingresso no setor 1 é de R\$ 120,00 e no setor 3 é de R\$ 400,00, então o ingresso no setor 2, em reais, custa

- a) 140.
- b) 180.
- c) 220.
- d) 260.

Violência: presente e passado da história

Vilma Homero

Ao olhar para o passado, costumamos imaginar que estamos nos afastando dos tempos da "barbárie pura e simples" para alcançar uma almejada "civilização", calcada sobre ¹relações livres, iguais e fraternas, típicas do homem culto. ²Um olhar sobre a história, no entanto, põe em xeque esta visão utópica. ³Organizado pelos historiadores Regina Bustamante e José Francisco de Moura, ⁴o livro *Violência na História*, publicado pela Mauad Editora com apoio da FAPERJ, reúne diversos ensaios que mostram, ao longo do tempo, diferentes aspectos da violência, propondo uma reflexão mais demorada sobre o tema. ⁵Nos ensaios reunidos no livro, podemos vislumbrar como, desde a antiguidade e ao longo da história humana, ⁶a violência se insere, sob diversos vieses, nas relações de poder, ⁷seja entre Estado e cidadãos, entre livres e escravos, entre homens e mulheres, ou entre diferentes religiões. "Durante a Idade Média, por exemplo, vemos como a violência se manifesta na religiosidade, durante o movimento das Cruzadas. ⁸Ou, hoje, no caso dos movimentos sociais, como ela acontece em relação aos excluídos das favelas. O sentido é amplo. A desigualdade social, por exemplo, é um tipo de violência; a expropriação do patrimônio cultural, que significa não permitir que a memória cultural de determinado grupo se manifeste, também", prossegue a organizadora. (...) A própria palavra "violência", que etimologicamente deriva do latim *vis*, com significado de força, virilidade, pode ser positiva em termos de transformação social, no sentido de uma violência revolucionária, usada como forma de se tentar transformar uma sociedade em determinado momento. (...) Essas variadas abordagens vão aparecendo ao longo do livro.

⁹(...) Na Roma antiga, as penas, aplicadas após julgamento, ganhavam um sentido religioso. Despido de sua humanidade, o réu era declarado ¹⁰*homo sacer*. ¹¹Ou seja, sua vida passava a ser consagrada aos deuses. ¹²Segundo a pesquisadora Norma Mendes, "havia o firme propósito de fazer da morte dos condenados ¹³um espetáculo de caráter exemplar, revestido de sentido religioso e de dominação, cuja função era o reforço, manutenção e ratificação das relações de poder." (...) ¹⁴O historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva é um dos que traz a discussão para o presente, analisando as transformações políticas do último século. ¹⁵"Desde Voltaire até Kant e Hegel, ¹⁶acreditava-se no contínuo aperfeiçoamento da condição humana como uma marcha inexorável em direção à razão. (...) O Holocausto, perpetrado em um dos países mais avançados e cultos à época, ¹⁷deixou claro que a luta pela dignidade humana é um esforço contínuo e, pior de tudo, lento. (...) ¹⁸E, sobretudo, mais de 50 anos depois da II Guerra Mundial, a ¹⁹ocorrência de outros genocídios – Ruanda, Iugoslávia, Camboja etc. – leva a refletir sobre a convivência entre os homens nesse começo do século XXI." O historiador prossegue: "²⁰De forma paradoxal, a globalização, conforme se aprofunda e pluga os homens a escalas planetárias, ²¹é fortemente acompanhada pelo localismo e o particularismo religioso, étnico ou cultural, promovendo ódios e incompreensões crescentes. ²²Na Bósnia ou em Kosovo, na Faixa de Gaza ou na Irlanda do Norte, a capacidade de entendimento ²³chegou a seu mais baixo nível de tolerância, e transpor uma linha, imaginária ou não, entre bairros pode representar a morte." ²⁴Como nem tudo se limita às questões políticas e às guerras, o livro ainda analisa as formas que a violência assume nas relações de gênero, na religião, na cultura e aborda também a questão dos direitos humanos, vista sob a perspectiva de diferentes sistemas culturais.

(<http://www.faperj.br/?id=1518.2.4>. Acesso em 05 de março de 2018.)

1. Assinale a alternativa cuja palavra em destaque possui sentido denotativo.

- a) "De forma paradoxal, a globalização, conforme se aprofunda e pluga os homens a escalas planetárias..." (ref. 20)
 b) "Um olhar sobre a história, no entanto, põe em xeque esta visão utópica." (ref. 2)
 c) "(...) Na Roma antiga, as penas, aplicadas após julgamento, ganhavam um sentido religioso." (ref. 9)
 d) "...acreditava-se no contínuo aperfeiçoamento da condição humana como uma marcha inexorável em direção à razão." (ref. 16)

O elefante

Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.
Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis
talvez lhe dê apoio.
E o encho de algodão,
de paina, de doçura.
A cola vai fixar
suas orelhas pensas.
A tromba se enovela,
é a parte mais feliz
de sua arquitetura.

Mas há também as presas,
dessa matéria pura
que não sei figurar.
Tão alva essa riqueza
a espojar-se nos circos
sem perda ou corrupção.
E há por fim os olhos,
onde se deposita
a parte do elefante
mais fluida e permanente,
alheia a toda fraude.

Eis o meu pobre elefante
pronto para sair
à procura de amigos
num mundo enfastiado
que já não crê em bichos
e duvida das coisas.
Ei-lo, massa imponente
e frágil, que se abana
e move lentamente
a pele costurada
onde há flores de pano
e nuvens, alusões
a um mundo mais poético
onde o amor reagrupa
as formas naturais.

Vai o meu elefante
pela rua povoada,
mas não o querem ver
nem mesmo para rir
da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.

É todo graça, embora
as pernas não ajudem

e seu ventre balofo
se arrisque a desabar
ao mais leve empurrão.
Mostra com elegância
sua mínima vida,
e não há cidade
alma que se disponha
a recolher em si
desse corpo sensível
a fugitiva imagem,
o passo desastrado
mas faminto e tocante.
Mas faminto de seres
e situações patéticas,
de encontros ao luar
no mais profundo oceano,
sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas,
de luzes que não cegam
e brilham através
dos troncos mais espessos.
Esse passo que vai
sem esmagar as plantas
no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,

as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite
volta meu elefante,
mas volta fatigado,
as patas vacilantes
se desmancham no pó.
Ele não encontrou
o de que carecia,
o de que carecemos,
eu e meu elefante,
em que amo disfarçar-me.
Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho
como simples papel.
A cola se dissolve
e todo o seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.
Amanhã recomeço.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Elefante*. 9ª ed. - São Paulo: Editora Record, 1983.

2. Considere os versos 95 a 98 do poema, transcritos abaixo:

“e todo o seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,”

A figura de linguagem construída a partir de uma relação entre os campos semânticos evocados pelo título do poema e de seus versos acima destacados é a (o)

- a) ambiguidade.
- b) apóstrofe.
- c) antítese.
- d) eufemismo.
- e) metonímia.

3. A figura de linguagem que sustenta o trecho “Ocupamos as ruas com comida, com música, com arte, com cinema, com vida em toda a sua potência.” é:

- a) prosopopeia
- b) metonímia
- c) metáfora
- d) gradação

4. Num dos *festivals* da música popular brasileira, a canção “Disparada”, de Geraldo Vandré, obteve grande repercussão e fez história. Entre seus versos estão estes:

(...) *gado a gente marca,
tange, ferra, engorda e mata, mas com gente é diferente.
Se você não concordar não posso me desculpar,
não canto pra enganar, vou pegar minha viola,
vou deixar você de lado, vou cantar noutro lugar,*

São versos que, nos anos subsequentes a 1964,

- a) assinalam uma atitude de protesto e de engajamento político da arte popular.
- b) propõem a evasão como reação às intransigências do regime político.
- c) inauguram uma nova fase da pesquisa folclórica no cancionário popular.
- d) constituem um chamado ao bucolismo e à simplicidade da vida rural.
- e) convocam o ouvinte a trilhar o caminho do liberalismo econômico.

¹Em um século dominado pelo virtual e pelo instantâneo, que poder resta à literatura? Ao contrário das imagens, que nos jogam para fora e para as superfícies, a literatura nos joga para dentro. Ao contrário da realidade virtual, que é compartilhada e se baseia na interação, ²a literatura é um ato solitário, nos aprisiona na introspecção. Ao contrário do mundo instantâneo em que vivemos, dominado pelo “tempo real” e pela rapidez, a literatura é lenta, é indiferente às pressões do tempo, ignora o imediato e as circunstâncias.

Vivemos em um mundo dominado pelas respostas enfáticas e poderosas, enquanto a literatura se limita a gaguejar perguntas frágeis e vagas. A literatura, portanto, parece caminhar na contramão do contemporâneo. Enquanto o mundo se expande, se reproduz e acelera, ³a literatura contrai, pedindo que paremos para um mergulho “sem resultados” em nosso próprio interior. Sim: a literatura – no sentido prático – é inútil. ⁴Mas ela apenas parece inútil.

A literatura não serve para nada – é o que se pensa. A indústria editorial tende a reduzi-la a um entretenimento para a beira de piscinas e as salas de espera dos aeroportos. De outro lado, a universidade – em uma direção oposta, mas igualmente improdutiva – transforma a literatura em uma “especialidade”, destinada apenas ao gozo dos pesquisadores e dos doutores. Vou dizer com todas as letras: são duas formas de matá-la. A primeira, por banalização. A segunda, por um esfriamento que a asfixia. Nos dois casos, a literatura perde sua potência. ⁵Tanto quando é vista como “distração”, quanto quando é vista como “objeto de estudos”, ⁶a literatura perde o principal: seu poder de interrogar, interferir e desestabilizar a existência. ⁷Contudo, desde os gregos, a literatura conserva um poder que não é de mais ninguém. ⁸Ela lança o sujeito de volta para dentro de si e o leva a encarar o horror, as crueldades, a imensa instabilidade e ⁹o igualmente imenso vazio que carregamos em nosso espírito. Somos seres “normais”, como nos orgulhamos de dizer. Cultivamos nossos hábitos, manias e padrões. Emprestamos um grande valor à repetição e ao Mesmo. Acreditamos que somos donos de nós mesmos!

Mas ¹⁰leia Dostoiévski, leia Kafka, leia Pessoa, leia Clarice – ¹¹e você verá que rombo se abre em seu espírito. Verá o quanto tudo isso é mentiroso. ¹²Vivemos imersos em um grande mar que chamamos de realidade, mas que – a literatura desmascara isso – não passa de ilusão. A “realidade” é apenas um pacto que fazemos entre nós para suportar o “real”. A realidade é norma, é contrato, é repetição, ela é o conhecido e o previsível. O real, ao contrário, é instabilidade, surpresa, desassossego. O real é o estranho.

(...)

A literatura não tem o poder dos mísseis, dos exércitos e das grandes redes de informação. Seu poder é limitado: é subjetivo. ¹³Ao lançá-lo para dentro, e não para fora, ela se infiltra, como um veneno, nas pequenas frestas de seu espírito. Mas, ¹⁴nele instalada pelo ato da leitura, ¹⁵que escândalos, que estragos, ¹⁶mas também que descobertas e que surpresas ela pode deflagrar.

Não é preciso ser um especialista para ler uma ficção. Não é preciso ostentar títulos, apresentar currículos, ou credenciais. A literatura é para todos. Dizendo melhor: é para os corajosos ou, pelo menos, para aqueles que ainda valorizam a coragem. (...)

<http://blogs.oglobo.globo.com/jose-castello/post/o-poder-da-literatura-444909.html>

Acesso em: 21 de fev 2017.

5. Assinale a figura de linguagem que traz a substituição de um nome por outro em virtude de haver entre eles uma relação metonímica.

- a) “Ao lançá-lo para dentro, e não para fora, ela se infiltra, como um veneno...” (ref. 13)
- b) “...a literatura contrai, pedindo que paremos para um mergulho “sem resultados...” (ref. 3)
- c) “Vivemos imersos em um grande mar que chamamos de realidade...” (ref. 12)
- d) “...leia Dostoiévski, leia Kafka, leia Pessoa, leia Clarice...” (ref. 10)

6. O título do texto, “Economia comportamental leva o Nobel”, não pode ser compreendido de forma literal. Ao construí-lo, o autor tomou a área de pesquisa pelo pesquisador (foi Thaler que “levou” o prêmio!), o que configura o uso de

- a) metáfora.
- b) símile.
- c) catacrese.
- d) metonímia.
- e) sinestesia.

Achei que estava bem na foto. Magro, olhar vivo, rindo com os amigos na praia. Quase não havia cabelos brancos entre os poucos que sobreviviam. Comparada ao homem de hoje, era a fotografia de um jovem. Tinha 50 anos naquela época, entretanto, idade em que me considerava bem distante da juventude. Se me for dado o privilégio de chegar aos 90 em pleno domínio da razão, é possível que uma imagem de agora me cause impressão semelhante.

O envelhecimento é sombra que nos acompanha desde a concepção: o feto de seis meses é muito mais velho do que o embrião de cinco dias. Lidar com a inexorabilidade desse processo exige uma habilidade na qual nós somos inigualáveis: a adaptação. Não há animal capaz de criar soluções diante da adversidade como nós, de sobreviver em nichos ecológicos que vão do calor tropical às geleiras do Ártico.

Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos. A adolescência é um fenômeno moderno. Nossos ancestrais passavam da infância à vida adulta sem estágios intermediários. Nas comunidades agrárias o menino de sete anos trabalhava na roça e as meninas cuidavam dos afazeres domésticos antes de chegar a essa idade.

A figura do adolescente que mora com os pais até os 30 anos, sem abrir mão do direito de reclamar da comida à mesa e da camisa mal passada, surgiu nas sociedades industrializadas depois da Segunda Guerra Mundial. Bem mais cedo, nossos avós tinham filhos para criar.

A exaltação da juventude como o período áureo da existência humana é um mito das sociedades ocidentais. Confinar aos jovens a publicidade dos bens de consumo, exaltar a estética, os costumes e os padrões de comportamento característicos dessa faixa etária tem o efeito perverso de insinuar que o declínio começa assim que essa fase se aproxima do fim.

A ideia de envelhecer aflige mulheres e homens modernos, muito mais do que afligia nossos antepassados. Sócrates tomou cicuta aos 70 anos, Cícero foi assassinado aos 63, Matusalém sabe-se lá quantos anos teve, mas seus contemporâneos gregos, romanos ou judeus viviam em média 30 anos. No início do século 20, a expectativa de vida ao nascer nos países da Europa mais desenvolvida não passava dos 40 anos.

A mortalidade infantil era altíssima; epidemias de peste negra, varíola, malária, febre amarela, gripe e tuberculose dizimavam populações inteiras. Nossos ancestrais viveram num mundo devastado por guerras, enfermidades infecciosas, escravidão, dores sem analgesia e a onipresença da mais temível das criaturas. Que sentido haveria em pensar na velhice quando a probabilidade de morrer jovem era tão alta? Seria como hoje preocupar-nos com a vida aos cem anos de idade, que pouquíssimos conhecerão.

Os que estão vivos agora têm boa chance de passar dos 80. Se assim for, é preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. Que nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18, mas que envelhecer não é sinônimo de decadência física para aqueles que se movimentam, não fumam, comem com parcimônia, exercitam a cognição e continuam atentos às transformações do mundo.

Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre. Julgar, aos 80 anos, que os melhores foram aqueles dos 15 aos 25 é não levar em conta que a memória é editora autoritária, capaz de suprimir por conta própria as experiências traumáticas e relegar ao esquecimento inseguranças, medos, desilusões afetivas, riscos desnecessários e as burradas que fizemos nessa época.

Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem “cabeça de jovem”. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente.

VARELLA, D. *A arte de envelhecer*. Adaptado. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/2016/01/1732457>>

7. Em todas as opções, o autor vale-se de metáforas para construir sua argumentação, **EXCETO** em

- a) sombra que nos acompanha (parágrafo 2)
- b) período áureo (parágrafo 5)
- c) dores sem analgesia (parágrafo 7)
- d) a mais temível das criaturas (parágrafo 7)
- e) editora autoritária (parágrafo 9)

Leia o conto “A moça rica”, de Rubem Braga (1913-1990), para responder à(s) questão(ões) a seguir.

A madrugada era escura nas moitas de mangue, e eu avançava no ¹batelão velho; remava cansado, com um resto de sono. De longe veio um ²rincho de cavalo; depois, numa choça de pescador, junto do morro, tremulou a luz de uma lamparina.

Aquele rincho de cavalo me fez lembrar a moça que eu encontrara galopando na praia. Ela era corada, forte. Viera do Rio, sabíamos que era muito rica, filha de um irmão de um homem de nossa terra. A princípio a olhei com espanto, quase desgosto: ela usava calças compridas, fazia caçadas, dava tiros, saía de barco com os pescadores. Mas na segunda noite, quando nos juntamos todos na casa de Joaquim Pescador, ela cantou; tinha bebido cachaça, como todos nós, e cantou primeiro uma coisa em inglês, depois o *Luar do sertão* e uma canção antiga que dizia assim: “Esse alguém que logo encanta deve ser alguma santa”. Era uma canção triste.

Cantando, ela parou de me assustar; cantando, ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida, esse fervor confuso da adolescência – adoração sem esperança, ela devia ter dois anos mais do que eu. E amaria o rapaz de suéter e sapato de basquete, que costuma ir ao Rio, ou (murmurava-se) o homem casado, que já tinha ido até à Europa e tinha um automóvel e uma coleção de espingardas magníficas. Não a mim, com minha pobre ³flaubert, não a mim, de calça e camisa, descalço, não a mim, que não sabia lidar nem com um motor de popa, apenas tocar um batelão com meu remo.

Duas semanas depois que ela chegou é que a encontrei na praia solitária; eu vinha a pé, ela veio galopando a cavalo; vi-a de longe, meu coração bateu adivinhando quem poderia estar galopando sozinha a cavalo, ao longo da praia, na manhã fria. Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus, esse “bom-dia” que no interior a gente dá a quem encontra; mas parou, o animal resfolegando e ela respirando forte, com os seios agitados dentro da blusa fina, branca. São as duas imagens que se gravaram na minha memória, desse encontro: a pele escura e suada do cavalo e a seda branca da blusa; aquela dupla respiração animal no ar fino da manhã.

E saltou, me chamando pelo nome, conversou comigo. Séria, como se eu fosse um rapaz mais velho do que ela, um homem como os de sua roda, com calças de “palm-beach”, relógio de pulso. Perguntou coisas sobre peixes; fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia, deviam ser peixes de outros lugares mais importantes, com certeza mais bonitos. Perguntou se a gente comia aqueles cocos dos coqueirinhos junto da praia – e falou de minha irmã, que conhecera, quis saber se era verdade que eu nadara desde a ponta do Boi até perto da lagoa.

De repente me fulminou: “Por que você não gosta de mim? Você me trata sempre de um modo esquisito...” Respondi, estúpido, com a voz rouca: “Eu não”.

Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela, e eu disse: “Não é isso.” Montou o cavalo, perguntou se eu não queria ir na garupa. Inventei que precisava passar na casa dos Lisboa. Não insistiu, me deu um adeus muito alegre; no dia seguinte foi-se embora.

Agora eu estava ali remando no batelão, para ir no Severone apanhar uns camarões vivos para isca; e o relincho distante de um cavalo me fez lembrar a moça bonita e rica. Eu disse comigo – rema, bobalhão! – e fui remando com força, sem ligar para os respingos de água fria, cada vez com mais força, como se isto adiantasse alguma coisa.

(*Os melhores contos*, 1997.)

¹batelão: embarcação movida a remo.

²rincho: relincho.

³*flaubert*: um tipo de espingarda.

8. O pleonasma (do grego *pleonasmós*, que quer dizer abundância, excesso, amplificação) é uma repetição de unidades linguísticas idênticas do ponto de vista semântico, o que implica que a repetição é tautológica (redundante). No entanto, ela é uma extensão do enunciado com vistas a intensificar o sentido.

(José Luiz Fiorin. *Figuras de retórica*, 2014. Adaptado.)

Verifica-se a ocorrência de pleonasma em:

- a) "fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia" (5º parágrafo).
- b) "eu avançava no batelão velho; remava cansado, com um resto de sono" (1º parágrafo).
- c) "ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida" (3º parágrafo).
- d) "A princípio a olhei com espanto, quase desgosto" (2º parágrafo).
- e) "Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus" (4º parágrafo).

Só o homem entediado terá chance de salvação num futuro de smartphones

João Pereira Coutinho

¹Assisto a conferências e a moda não engana: metade da sala (no mínimo) está com a cabeça enfiada em smartphones. Como seriam as conferências antigamente? O que fazia a audiência enquanto alguém falava no palanque?

Provavelmente, escutava. Ou dormia. Ou dormia e escutava, em intervalos saudáveis.

Hoje, ninguém dorme. Duvido que alguém escute. O smartphone é o inimigo do tédio, ou da reflexão, proporcionando uma festa permanente.

Este seria o momento ideal para eu vestir a ²toga do moralista vulgar, lançando raios homéricos sobre a ³nefasta tecnologia. A data, aliás, seria a mais apropriada: o iPhone nasceu dez anos atrás e o dilúvio começou.

⁴Infelizmente, não posso pregar. Eu também faço parte do clube que prefere o smartphone ao velho e bom cochilo.

Especialistas diversos gostam de explicar a compulsão. ⁵É como uma droga, dizem eles: quando ⁶espreitamos as mensagens, o e-mail, as redes sociais, procuramos uma espécie de recompensa neurobiológica muito semelhante a um viciado.

⁷O problema se agrava quando somos privados da nossa dose – e eu sei, o leitor sabe, todos sabemos dessa miserável privação.

Tempos atrás, esqueci-me do celular em casa e parti em viagem. Quando dei conta do estrago, uma inquietude foi crescendo com o passar das horas.

Ainda pensei em pedir ao companheiro do lado para me emprestar o smartphone dele. Só para eu ler as minhas mensagens. Ou até, sei lá, as mensagens dele. Qualquer coisa servia. ⁸Eu era como alguns alcoólatras que, na ausência de bebidas legais, começam a despejar perfume pela goela.

Controlei-me. Telefonei para casa – de um telefone fixo, entenda – e pedi, com um último fôlego, que me lessem as novidades. Nenhuma delas era urgente, sequer interessante. Mas o corpo sossegou e mergulhou naquele estranho ⁹torpor que Thomas de Quincey relatou nas suas "Confissões de um Comedor de ¹⁰Ópio". Como se chegou até aqui?

Verdade: o tédio sempre foi o grande terror dos homens modernos. ¹¹Ter no bolso um aparelho que garante distração permanente é a melhor forma de afastar o fantasma.

Acontece que o tédio tem as suas vantagens. O filósofo Mark Kingwell tem escrito sobre a matéria (...). Só o tédio, escreve ele, é capaz de sinalizar a existência de um problema entre nós e o mundo. O tédio é a "suspensão da suspensão" em que vivemos – uma forma terapêutica, e até brutal, de olharmos para a realidade sem fugas. E de agirmos em conformidade.

Quando abolimos o tédio, e o "dom da escuta" que só ele oferece, desaparece uma parte da nossa humanidade – aquela parte que reflete, imagina ou cria. E que problematiza, critica, propõe.

No futuro, não será apenas a audiência que estará mergulhada nas telas dos smartphones. Também suspeito que os próprios conferencistas, privados de pensar e sem nada para dizer, terão o mesmo comportamento.

¹²Imagino um encontro de silêncios, onde todos os presentes estarão ausentes – e só o homem entediado terá chance de salvação.

Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/joaopereiracoutinho/2017/06/1897093->

VOCABULÁRIO:

2. Toga – traje preto e comprido, usado por advogados e por professores catedráticos e doutorados em ocasiões especiais.

3. Nefasto – nocivo, prejudicial, perverso, trágico, mau.

6. Espreitar – espiar, olhar demorada e fixamente.

9. Torpor – indiferença ou apatia moral; indolência, prostração.

10. Ópio – narcótico, droga que provoca adormecimento.

9. O texto de João Pereira Coutinho é uma crônica. Enquadra-se afinado, pois, tanto com os gêneros jornalísticos quanto com os artísticos. Em relação às especificidades destes últimos, cronistas costumam-se valer de recursos estilísticos que enriqueçam seu texto. Indique a alternativa que demonstra adequada associação entre exemplo destacado e recurso utilizado na crônica.

- a) "É como uma droga, dizem eles: quando espreitamos as mensagens, o e-mail, as redes sociais, procuramos uma espécie de recompensa neurobiológica muito semelhante a um viciado." (ref. 5) – metonímia.
- b) "O problema se agrava quando somos privados da nossa dose – e eu sei, o leitor sabe, todos sabemos dessa miserável privação." (ref. 7) – gradação decrescente.
- c) "Eu era como alguns alcoólatras que, na ausência de bebidas legais, começam a despejar perfume pela goela." (ref. 8) – hipérbole.
- d) "Ter no bolso um aparelho que garante distração permanente é a melhor forma de afastar o fantasma." (ref. 11) – eufemismo.
- e) "Imagino um encontro de silêncios, onde todos os presentes estarão ausentes – e só o homem entediado terá chance de salvação." (ref. 12) – paradoxo.

Em 1855, o cacique Seattle, da tribo Suquamish, do Estado de Washington, enviou esta carta ao presidente dos Estados Unidos (Francis Pierce), depois de o Governo haver dado a entender que pretendia comprar o território ocupado por aqueles índios. Faz mais de um século e meio. Mas o desabafo do cacique tem uma incrível atualidade.

"(...) De uma coisa sabemos, que o homem branco ¹talvez venha a um dia descobrir: ²o nosso Deus é o mesmo Deus.

³Julga, talvez, que pode ser dono Dele da mesma maneira como deseja possuir a nossa terra. Mas não pode. Ele é Deus de todos. E quer bem da mesma maneira ao homem vermelho como ao branco. A terra é amada por Ele. Causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo Criador. O homem branco também vai desaparecer, ⁴talvez mais depressa do que as outras raças. ⁵Continua sujando a sua própria cama e há de morrer, uma noite, sufocado nos seus próprios dejetos. Depois de abatido o último bisão e domados todos os cavalos selvagens, ⁶quando as matas misteriosas federem à gente, quando as colinas escarpadas se encherem de fios que falam, onde ficarão então os sertões? Terão acabado. E as águias? Terão ido embora. Restará dar adeus à andorinha da torre e à caça; ⁷o fim da vida e o começo da luta pela sobrevivência. (...)

⁸Talvez compreendêssemos com que sonha o homem branco se soubéssemos quais as esperanças transmite a seus filhos nas longas noites de inverno, quais visões do futuro oferecem para que possam ser formados os desejos do dia de amanhã. Mas nós somos selvagens. Os sonhos do homem branco são ocultos para nós. E por serem ocultos temos que escolher o nosso próprio caminho. Se consentirmos na venda é para garantir as reservas que nos prometeste. Lá talvez possamos viver os nossos últimos dias como desejamos. Depois que o último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará a viver nestas florestas e praias, ⁹porque nós as amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe. Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. ¹⁰Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueça como era a terra quando dela tomou posse. E com toda a sua força, o seu poder, e todo o seu coração, ¹¹conserva-a para os seus filhos, e ama-a como Deus nos ama a todos. Uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por Ele. Nem mesmo o homem branco pode evitar o nosso destino comum."

www.culturabrasil.pro.br/seattle1.htm. Acesso em 16/04/2016.

10. Observe os trechos destacados e as análises apresentadas. Assinale a alternativa que contém uma classificação e/ou uma análise INCORRETA da(s) figura(s) de linguagem.

- a) "Continua sujando a sua própria cama e há de morrer, uma noite, sufocado nos seus próprios dejetos." (ref. 5) – a metonímia e a metáfora contribuem para construir uma forte imagem de destruição provocada pelo homem branco.
- b) "... quando as matas misteriosas federem à gente..." (ref. 6) – a prosopopeia ajuda na construção da ideia de superpovoamento e consequente destruição das matas até então preservadas.
- c) "... porque nós as amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe." (ref. 9) – a comparação e a metonímia realçam a intensidade do amor que o homem vermelho sente pela terra.
- d) "... o fim da vida e o começo da luta pela sobrevivência." (ref. 7) – o uso da antítese enfatiza a degeneração da vida humana que será acarretada pela atitude predatória do homem branco.

O apocalipse de polaina

As mulheres têm toda a razão para reclamar de alguns péssimos hábitos masculinos de se vestir, como a gola V, fetiche dos marombados para exibir o peitoral e que só faz o sujeito parecer um *stripper* desesperado, ou sapato social com camiseta ou a gravata estampada de brechó ou o abadá do Carnaval retrasado ou o cinto de fivela de caubói ou o hábito de sair para passear com camisetas de futebol ou a sunga branca que mostra a penugem a cada mergulho.

Realmente, não há cabimento. São motivos para largar a mão do rapaz em caminhadas pelo Brique da Redenção. Mas a mulher também guarda seus erros sociais, monumentais, passíveis de distrato na igreja e no cartório. E o maior deles, que envergonha a classe dos namorados e o sindicato dos maridos, é a polaina, adereço que não deixa nenhuma beldade bonita e atraente, somente engraçada.

O que é uma polaina, meu santo pai? Polaina dá vontade de rir. Você se levantou da cama e levou a coberta de lã junto? Você se confundiu de manhã e colocou um blusão nas pernas? O tapetinho do banheiro ficou enroscado nas pernas?

A polaina é um bambolê do tênis.

A polaina é uma meia de futebol com elástico estragado.

A polaina é um pijama arriado.

A polaina é um cachecol dos pés.

A polaina é uma sanfona murcha.

A polaina é um vício sem cura: terminará combinando polainas com crocs.

A polaina serve para disfarçar a canela fina e esconde o corpo inteiro.

A polaina entrega o sonho de infância de ser Paqueta.

A polaina evoca Menudos, bandana e pulseiras de cordas de violão.

A polaina é o almanaque dos anos 80 publicado em pano.

A polaina é uma gravata-borboleta que voltou a ser lagarta.

A polaina é um pompom que caiu do casaco do bebê.

A polaina é calçar um poodle.

A polaina diminui ainda mais a baixinha.

A polaina é colorida como um drinque, porém traz a ressaca antes mesmo da euforia.

A polaina aquece as panturrilhas e esfria a relação.

A polaina é tão clandestina, tão feia, que não existe polaina de marca famosa, nenhuma fábrica ousa assumir o seu crime.

Fabrizio Carpinejar. Publicado em *Zero Hora*, Coluna Semanal, 26.07.2016.

11. Considerando os recursos expressivos utilizados na argumentação textual do autor, é correto afirmar que o texto, a partir da frase “A polaina é um bambolê do tênis.”, é formado por sucessivas

- a) metonímias.
- b) metáforas.
- c) comparações.
- d) personificações.

GRITO

Quadro que fundou o expressionismo nasceu de um ataque de pânico.

Edvard Munch nasceu em 1863, mesmo ano em que *O piquenique no bosque*, de Édouard Manet, era exposto no Salão dos Rejeitados, chamando a atenção para um movimento que nem nome tinha ainda. ¹Era o impressionismo, superando séculos de pintura acadêmica. Os impressionistas deixaram o realismo para a fotografia e se focaram no que ela não podia mostrar: as

²sensações, a parte subjetiva do que se vê.

³Crescendo durante ⁴essa ⁵revolução, Munch – que, aliás, também seria ⁶fotógrafo – achava ⁷a linguagem dos impressionistas superficial e científica, discreta demais para expressar o que sentia. E ele sentia: Munch tinha uma história familiar trágica: ⁸perdeu a mãe e uma irmã na infância, teve outra irmã que passou a vida em asilos psiquiátricos. ⁹Tornou-se artista sob forte oposição do pai, que morreria quando Munch tinha 25 anos e o deixaria na pobreza. O artista sempre viveu na boemia, entre bebedeiras, brigas e romances passageiros, tornando-se amigo do filósofo nillista Hans Jæger, que acreditava que o suicídio era a forma máxima da libertação.

¹⁰Fruto de suas obsessões, ¹¹*O Grito* não foi seu primeiro quadro, mas o que o tornaria célebre. ¹²A inspiração veio do que parece ter sido um ataque de pânico, que ele escreveu em seu diário, pouco mais de um ano antes do quadro: “Estava andando por um caminho com dois amigos – o sol estava se pondo – quando, de repente, o sol tornou-se vermelho como o sangue. Eu parei, sentindo-me exausto, e me encostei na cerca – havia sangue e línguas de fogo sobre o fiorde negro e a cidade. Meus amigos continuaram andando, e eu fiquei lá, tremendo de ansiedade – e ¹³sentí um grito infinito atravessando a natureza”.

¹⁴Ali nasceria um novo movimento artístico. ¹⁵*O Grito* seria a pedra fundadora do expressionismo, a principal vanguarda alemã dos anos 1910 aos 1930.

Aventuras na História

12. Observe a seguinte expressão: “sentí um grito infinito atravessando a natureza” (referência 13). Temos uma expressão escrita em linguagem figurada que consiste em substituir uma palavra ou expressão usada. Via de regra, a linguagem figurada causa surpresa ao leitor/ouvinte.

Atente ao que se diz a seguir sobre os verbos “sentir” e “atravessar”.

- I. O verbo “sentir” foi empregado de maneira inusitada, e o que nos mostra isso é sua relação sintática com o substantivo “grito”. O substantivo “grito” indica som penetrante. É, portanto, algo que chega a nós por um dos sentidos, no caso, a audição.
- II. O verbo “atravessar” (atravessando) no contexto dado obedece ao princípio da similaridade, que diz respeito a coisas análogas, equivalentes, semelhantes.
- III. Nesse contexto, o verbo “sentir” apresenta uma carga semântica muito mais forte do que apresentaria se fosse usado em um contexto literal, para o qual fossem escolhidos verbos como ouvir, escutar.

Está correto o que se diz em

- a) I, II e III.
- b) I e II apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I e III apenas.

Tintim

Durante alguns anos, o tintim me intrigou. Tintim por tintim: o que queria dizer aquilo? Imaginei que fosse alguma misteriosa medida de outros tempos que sobrevivera ao sistema métrico, como a braça, a légua, etc. Outro mistério era o triz. Qual a exata definição de um triz? É uma subdivisão de tempo ou de espaço. As coisas deixam de acontecer por um triz, por uma fração de segundo ou de milímetro. Mas que fração? O triz talvez correspondesse a meio tintim, ou o tintim a um décimo de triz. Tanto o tintim quanto o triz pertenceriam ao obscuro mundo das microcoisas.

Há quem diga que não existe uma fração mínima de matéria, que tudo pode ser dividido e subdividido. Assim como existe o infinito para fora – isto é, o espaço sem fim, depois que o Universo acaba – existiria o infinito para dentro. A menor fração da menor partícula do último átomo ainda seria formada por dois trizes, e cada triz por dois tintins, e cada tintim por dois trizes, e assim por diante, até a loucura.

Descobri, finalmente, o que significa tintim. É verdade que, se tivesse me dado o trabalho de olhar no dicionário mais cedo, minha ignorância não teria durado tanto. Mas o óbvio, às vezes, é a última coisa que nos ocorre. Está no Aurelião. Tintim, vocábulo onomatopaico que evoca o tinido das moedas.

Originalmente, portanto, “tintim por tintim” indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda. Isso no tempo em que as moedas, no Brasil, tinham, ao contrário de hoje, quando são feitas de papelão e se chocam sem ruído. Numa investigação feita hoje da corrupção no país tintim por tintim ficaríamos tinindo sem parar e chegaríamos a uma nova concepção de infinito. Tintim por tintim. A menina muito dada namoraria sim-sim por sim-sim. O gordo incontável progrediria pela vida quindim por quindim. O telespectador habitual viveria plim-plim por plim-plim. E você e eu vamos ganhando nosso salário tin por tin (olha aí, a inflação já levou dois tins).

Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão nem de tempo nem de espaço nem de matéria, resta o triz. O Aurelião

não nos ajuda. "Triz", diz ele, significa por pouco. Sim, mas que pouco? Queremos algarismos, vírgulas, zeros, definições para "triz". Substantivo feminino. Popular.

"Icterícia." Triz quer dizer icterícia. Ou teremos que mudar todas as nossas teorias sobre o Universo ou teremos que mudar de assunto. Acho melhor mudar de assunto.

O Universo já tem problemas demais.

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.)

13. Considere o trecho: "O Aurelião não nos ajuda. "Triz", diz ele, significa por pouco". A figura de linguagem presente no trecho é:

- a) metáfora.
- b) antítese.
- c) hipérbole.
- d) eufemismo.
- e) personificação.

SOMOS TODOS ESTRANGEIROS

Volta e meia, em nosso mundo redondo, colapsa o frágil convívio entre os diversos modos de ser dos seus habitantes.

¹Neste momento, vivemos uma nova rodada ²dessas com os inúmeros refugiados, famílias fugitivas de suas guerras civis e massacres. Eles tentam entrar na mesma Europa que já expulsou seus famintos e judeus. Esses movimentos introduzem gente destoante no meio de outras culturas, estrangeiros que chegam falando atravessado, comendo, amando e rezando de outras maneiras. Os diferentes se estranham.

Fui duplamente estrangeira, no Brasil por ser uruguaia, em ambos os países e nas escolas públicas por ser judia. A instrução era tentar mimetizar-se, falar com o menor sotaque possível, ficar invisível no horário do Pai Nosso diário.

Certamente todos conhecem esse sentimento de sentir-se estrangeiro, ficar de fora, de não ser tão autêntico quanto os outros, ou não ser escolhido para o que realmente importa. Na ³infância, tudo é grande demais, amedronta e entendemos fragmentariamente, como recém-chegados. Na puberdade, perdemos a familiaridade com nossos familiares: o que antes parecia natural começa _____ soar como estrangeiro. ⁴Na ⁵adolescência, sentimo-nos estranhos _____ quase tudo, andamos por aí enturmados com os da mesma idade ou estilo, tendo apenas uns aos outros como cúmplices para existir.

O fim desse desencontro deveria ocorrer no começo da vida adulta, quando trabalhamos, procriamos e tomamos decisões de repercussão social. Finalmente ⁶deveríamos sentir-nos legítimos cidadãos da vida. ⁷Porém, julgamos ser uma fraude:

⁸imaginávamos que os adultos eram algo maior, mais consistente do que sentimos ser. Logo em seguida disso, já começamos a achar que perdemos o bonde da vida. O tempo nos faz estrangeiros _____ própria existência.

Uma das formas mais simples de combater todo esse ⁹mal-estar é encontrar outro para chamar de diferente, de inadequado. ¹⁰Quem pratica o *bullying*, quer seja entre alunos ou com os que têm hábitos e aparência distintos do seu, conquista momentaneamente a ilusão da legitimidade. Quem discrimina arranja no grito e na violência um lugar para si.

Conviver com as diferentes cores de pele, interpretações dos gêneros, formas de amar e casar, vestimentas, religiões ou a falta delas, línguas faz com que todos sejam estrangeiros. Isso produz a mágica sensação de inclusão universal: ¹¹se formos todos diferentes, ninguém precisa sentir-se excluído. Movimentos migratórios misturam povos, a eliminação de barreiras de casta e de preconceitos também. Já pensou que delícia se, no futuro, entendermos que na vida ninguém é nativo. ¹²A existência de cada um é como um barco em que fazemos um trajeto ao final do qual sempre partiremos sem as malas.

Texto adaptado de Diana Corso, publicado em 12 de setembro de 2018.

14. Na frase "A existência de cada um é como um barco em que fazemos um trajeto ao final do qual sempre partiremos sem as malas" (ref. 12), ocorre uma

- a) metáfora.
- b) metonímia.
- c) comparação.
- d) hipérbole.

15. Assinalar a alternativa que corresponda correta e respectivamente à classificação das figuras de linguagem nas frases a seguir:

1. "... preparadas para enfrentar a SELVA DE ASFALTO."

2. "HORRÍVEL, mas DELICIOSO."

3. "... para não humilhá-las como a um SEXO FRÁGIL."

4. "Mas mulher dirige mal, e feminista, PIOR."

- a) ironia; metonímia; antítese; pleonismo;
- b) metáfora; eclipse; pleonismo; eufemismo;
- c) metáfora; antítese; metonímia; eclipse;
- d) eufemismo; ironia; antítese; metonímia;
- e) hipérbole; antítese; metonímia; eufemismo.

16. A ideia de pátria se vinculava estreitamente à de natureza e em parte extraía dela a sua justificativa. Ambas conduziam a uma literatura que compensava o atraso material e a debilidade das instituições por meio da supervalorização dos aspectos regionais, fazendo do exotismo razão de otimismo social. A partir de 1930 houve uma mudança de orientação, sobretudo na ficção regionalista, percebendo-se o que havia de mascaramento no encanto pitoresco com que antes se abordava o homem rústico. Evidenciou-se a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações,

da sua incultura paralisante. A visão que resulta dessa perspectiva é pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro.

(Antonio Candido. *A educação pela noite e outros ensaios*, 1989. Adaptado.)

O excerto assinala uma reorientação nos rumos da literatura brasileira, na medida em que os escritores

- a) deparam-se com a instituição de uma regionalização oficial pelo IBGE.
- b) passam a mostrar os aspectos do Brasil como país subdesenvolvido.
- c) reconhecem o estabelecimento de alianças democráticas no Brasil.
- d) percebem a assimilação do *american way of life* pelo povo brasileiro.
- e) optam pelo emprego de uma visão eurocêntrica em sua produção literária.

Em 1934, um redator de Nova York chamado Robert Pirosh largou o emprego bem remunerado numa agência de publicidade e rumou para Hollywood, decidido a trabalhar como roteirista. Lá chegando, anotou o nome e o endereço de todos os diretores, produtores e executivos que conseguiu encontrar e enviou-lhes o que certamente é o pedido de emprego mais eficaz que alguém já escreveu, pois resultou em três entrevistas, uma das quais lhe rendeu o cargo de roteirista assistente na MGM.

Prezado senhor:

Gosto de palavras. ¹Gosto de palavras gordas, untuosas, como lodo, torpitude, glutinoso, bajulador. Gosto de palavras solenes, como pudico, ranzinza, pecunioso, valetudinário. ²Gosto de palavras espúrias, enganosas, como mortiço, liquidar, tonsura, mundana. Gosto de suaves palavras com "V", como Svengali, avesso, bravura, verve. Gosto de palavras crocantes, quebradiças, crepitantes, como estilha, croque, esbarrão, crosta. ³Gosto de palavras emburradas, carrancudas, amuadas, como furtivo, macambúzio, escabioso, sovina. ⁴Gosto de palavras chocantes, exclamativas, enfáticas, como astuto, estafante, requintado, horrendo. Gosto de palavras elegantes, rebuscadas, como estival, peregrinação, Elísio, Alcione. Gosto de palavras vermiformes, contorcidas, farinhentas, como rastejar, choramingar, guinchar, gotejar. Gosto de palavras escorregadias, risonhas, como topete, borbulhão, arroto.

Gosto mais da palavra roteirista que da palavra redator, e por isso resolvi largar meu emprego numa agência de publicidade de Nova York e tentar a sorte em Hollywood, mas, antes de dar o grande salto, fui para a Europa, onde passei um ano estudando, contemplando e perambulando.

Acabei de voltar e ainda gosto de palavras.

Posso trocar algumas com o senhor?

Robert Pirosh
Madison Avenue, 385
Quarto 610
Nova York
Eldorado 5-6024.

(USHER, Shaun .(Org) *Cartas extraordinárias: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis*. Trad. de Hildegard Feist.

17. Analisando a forma e o objetivo do texto, é correto afirmar que

- a) a linguagem utilizada é acentuadamente formal, já que o remetente está em um contexto que necessita desse tipo de tratamento.
- b) para convencer o destinatário, Robert utilizou, ao longo da carta, discurso direto, caracterizando assim um tom de proximidade e amizade com o receptor.
- c) o texto é marcadamente denotativo, possibilitando ao destinatário perceber a versatilidade linguística do remetente.
- d) a carta se utiliza de elementos da função emotiva – centrada no emissor – ainda que a intenção predominante do autor seja a função apelativa – conquistar o receptor.



(Malvados, 2008.)

18. Constituem exemplos de linguagem formal e de linguagem coloquial, respectivamente, as seguintes falas:

- a) "Ah, estou morrendo de pena..." e "Ainda vou trabalhar a noite inteira no Iraque, meu rapaz."
- b) "Me adianta essa, vai..." e "É cedo para mim."
- c) "O importante é trabalhar com o que a gente gosta." e "Posso lhe dar um emprego bem melhor..."
- d) "É cedo para mim." e "Posso lhe dar um emprego bem melhor..."
- e) "Posso lhe dar um emprego bem melhor..." e "Me adianta essa, vai..."

19. Prezada senhorita,

Tenho a honra de comunicar a V. S. que resolvi, de acordo com o que foi conversado com seu ilustre progenitor, o tabelião juramentado Francisco Guedes, estabelecido à Rua da Praia, número 632, dar por encerrados nossos entendimentos de noivado. Como passei a ser o contabilista-chefe dos Armazéns Penalva, conceituada firma desta praça, não me restará, em face dos novos e pesados encargos, tempo útil para os deveres conjugais.

Outrossim, participo que vou continuar trabalhando no varejo da mancebia, como vinha fazendo desde que me formei em contabilidade em 17 de maio de 1932, em solenidade presidida pelo Exmo. Sr. Presidente do Estado e outras autoridades civis e militares, bem assim como representantes da Associação dos Varejistas e da Sociedade Cultural e Recreativa José de Alencar.

Sem mais, creia-me de V. S. patricio e admirador,
Sabugosa de Castro

CARVALHO, J. C. Amor de contabilista. In: *Porque Lulu Bergatim não atravessou o Rubicon*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

A exploração da variação linguística é um elemento que pode provocar situações cômicas. Nesse texto, o tom de humor decorre da incompatibilidade entre

- a) o objetivo de informar e a escolha do gênero textual.
- b) a linguagem empregada e os papéis sociais dos interlocutores.
- c) o emprego de expressões antigas e a temática desenvolvida no texto.
- d) as formas de tratamento utilizadas e as exigências estruturais da carta.
- e) o rigor quanto aos aspectos formais do texto e a profissão do remetente.

20. **Qual a diferença entre publicidade e propaganda?**

Esses dois termos não são sinônimos, embora sejam usados indistintamente no Brasil. Propaganda é a atividade associada à divulgação de ideias (políticas, religiosas, partidárias etc.) para influenciar um comportamento. Alguns exemplos podem ilustrar, como o famoso Tio Sam, criado para incentivar jovens a se alistar no exército dos EUA; ou imagens criadas para "demonizar" os judeus, espalhadas na Alemanha pelo regime nazista; ou um pôster promovendo o poderio militar da China comunista. No Brasil, um exemplo regular de propaganda são as campanhas políticas em período pré-eleitoral.

Já a publicidade, em sua essência, quer dizer tornar algo público. Com a Revolução Industrial, a publicidade ganhou um sentido mais comercial e passou a ser uma ferramenta de comunicação para convencer o público a consumir um produto, serviço ou marca. Anúncios para venda de carros, bebidas ou roupas são exemplos de publicidade.

VASCONCELOS, Y. Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br>. Acesso em: 22 ago. 2017 (adaptado).

A função sociocomunicativa desse texto é

- a) ilustrar como uma famosa figura dos EUA foi criada para incentivar jovens a se alistar no exército.
- b) explicar como é feita a publicidade na forma de anúncios para venda de carros, bebidas ou roupas.
- c) convencer o público sobre a importância do consumo.
- d) esclarecer dois conceitos usados no senso comum.
- e) divulgar atividades associadas à disseminação de ideias.